

**COMPOSIÇÕES NEOLÓGICAS DE PADRÃO *X-RELÂMPAGO* NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

**NEOLOGICAL COMPOSITIONS OF *X-RELÂMPAGO* PATTERN IN
CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE**

João Henrique Lara Ganança¹

Universidade de São Paulo

Resumo: Os estudos sobre a neologia no português brasileiro contemporâneo, levados a cabo, sistematicamente, no Brasil, por Ieda Maria Alves, desde o início da década de 90 (cf. ALVES, 1990; 2006; 2010) têm atestado que, diferentemente do que a Morfologia Lexical preconiza (BASILIO, 1987, 1989; SANDMANN, 1989; 1992), a composição não é, estritamente, um processo *ad hoc*, pois é possível identificar, em neologismos de nossa língua, padrões composicionais de subtipo subordinativo (SANDMANN, 1989) com elementos fixos na mesma posição, quer seja a primeira ou, com maior frequência, a segunda. Este artigo vem, justamente, descrever e estudar, desde os pontos de vista lexical e semântico, algumas unidades lexicais neológicas compostas por um desses padrões, que chamamos *X-relâmpago*, no qual o substantivo <relâmpago>, metaforizado, fixa-se na posição determinativa do composto subordinativo e forma neologismos em série. Os neologismos analisados neste trabalho foram extraídos de *corpora* online compostos por textos de blogues e identificados segundo a metodologia de *corpora* de exclusão (BOULANGER, 1979). Esperamos, com este trabalho, contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno composicional do léxico, bem como evidenciar a exuberante riqueza do nosso português.

Palavras-chave: Lexicologia; Neologia; Neologismo; Composição.

Abstract: The specific studies about the neology in contemporary Brazilian Portuguese, carried out systematically in Brazil by Ieda Maria Alves since the early 1990s (cf. ALVES, 1990; 2006; 2010) have attested that, differently than what Lexical Morphology teaches (BASILIO, 1987; 1989; SANDMANN, 1989; 1992) composition is not strictly an *ad hoc* process, since it is possible to identify, in neologisms of our language, compositional patterns of subordinate subtype (SANDMANN, 1989) with fixed elements always in the same position, either the first or, more often, the second one. This article precisely aims to describe and study, from lexical and semantic points of view, some neological lexical unities composed of one of these patterns, which we call *X-relâmpago*, in which the metaphORIZED noun <relâmpago> is fixed in the determinative position of the subordinate compound and forms neologisms in series. The neologisms analyzed in this paper were extracted from online *corpora* composed by texts published in blogs and identified according to the exclusion *corpora* methodology (BOULANGER, 1979). In this article, we hope to contribute to a better understanding of the compositional lexical phenomenon, as well as to evidence the exuberant richness of our Portuguese.

Keywords: Lexicology; Neology; Neologism; Composition.

¹ Bacharel (2012) e licenciado (2013) em Letras-Português pela Universidade de São Paulo. Além disso, pela mesma instituição, mestrado em Letras (2017), no programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). E-mail: jgananca@usp.br.

Submetido em 01 de maio de 2020.

Aprovado em 23 de maio de 2020.

Introdução

O fenômeno morfolexical da composição é, de maneira geral, analisado pelas gramáticas e dicionários de nossa língua como a associação entre dois elementos do léxico para a criação de um terceiro (BECHARA, 1999; CUNHA & CINTRA, 2008), cujo significado não é, necessária e diretamente, resultado da soma semântica das duas unidades lexicais que lhe deram origem. Assim, *porta-malas* designa uma parte dos veículos de passeio destinada a carregar não apenas malas, mas também outros objetos maiores, os quais, normalmente, não caberiam nos bancos do carro.

Os estudos linguísticos do português, de modo geral, não têm mostrado grande interesse pelas palavras compostas. A composição ocupa, frequentemente, nos compêndios de Gramática Tradicional e de Linguística, não mais que algumas páginas. No entanto, trabalhos dedicados à descrição e análise da criação lexical no português do Brasil, desde o final da década de 80, têm atestado a considerável produtividade desse fenômeno morfolexical para a criação de neologismos em nossa língua (SANDMANN, 1989; ALVES, 1990; 2006; 2010), como veremos na próxima seção. Eis a razão por que consideramos como de grande necessidade debruçarmo-nos mais atentamente sobre as características lexicais e semânticas dessa importante classe lexical – as palavras compostas.

Neste artigo, estudaremos, desde os pontos de vista lexical e semântico, unidades léxicas neológicas compostas cujo segundo elemento é fixo – sempre o substantivo <relâmpago> -, o que põe em xeque o caráter imprevisível da composição, preconizado por estudos mais tradicionais de Morfologia Lexical, e ajuda a tornar mais tênues os limites entre esse fenômeno e a derivação, atestando, mais do que nunca, a complexidade desse universo que chamamos língua.

1 A composição nos estudos linguísticos: breve revisão da literatura

As obras gramaticais mais antigas do português, orientadas para uma concepção analítica diacrônica da língua, normalmente dividem os compostos em *perfeitos* – quando não se percebe mais a composição - e *imperfeitos* – quando as duas palavras associadas entre si ainda são perceptíveis (cf. NUNES, 1919; COUTINHO, 1938; entre outros). Tal divisão justifica-se, a nosso ver, pela própria concepção diacrônica da língua presente nessas obras: se a palavra², unidade básica do léxico, é normalmente identificada como forma simples, nada mais natural que as associações entre duas ou mais unidades lexicais que perderam seu caráter composicional e apresentam-se, hodiernamente, como formas simples, sejam classificadas como perfeitas. Nesse sentido, a tal perfeição reside, justamente, em ocultar a “solda” dos dois elementos do léxico e a língua caminharia nessa direção em seu percurso evolutivo.

No âmbito dos estudos estruturalistas da escola de Bloomfield (1933), cuja premissa é a análise sincrônica da língua, não há mais espaço para a divisão dos compostos em perfeitos e imperfeitos e a palavra passa a ser entendida como *lexia* (POTTIER, 1972), unidade do léxico que pode ser simples (um elemento), composta (dois elementos), complexa (três elementos) ou mesmo textual (fraseologias/ sentenças lexicalizadas).

Nosso maior linguista estruturalista, Câmara Jr. (1969; 1975), ajuda-nos a compreender melhor as composições ao distinguir fenômenos fonológicos de morfológicos. Para ele, só poderiam chamar composições as justaposições lexicais nos quais os elementos são facilmente identificáveis e destacáveis, uma vez que a aglutinação

²Polguère (2018, p. 51) nos diz que, em Lexicologia, o emprego do termo “palavra” é sempre bastante arriscado por se tratar de uma expressão profundamente ambígua em seu uso cotidiano, abarcando significados díspares entre si, que vão desde “as formas linguísticas separadas por espaços em branco na cadeia da escrita” até um “texto oral ou escrito relativamente curto” em uma frase como: “Para concluir, direi apenas uma palavra [‘texto oral ou escrito relativamente curto’] sobre as qualidades pessoais de nosso caro colega.” Biderman (1978) menciona o fato de inexistirem critérios universais de delimitação da palavra válidos para todas as línguas, o que compele os lexicólogos a definirem e buscarem a palavra exclusivamente no âmbito da(s) língua(s) por eles estudada(s). Dentre todos os critérios mencionados pela autora, para o português, assinala o *critério semântico*, que é o sentimento de que as palavras, independentemente da forma como se apresentam, simples ou complexa, constituem um todo semântico, conjugado ao critério de coesão interna dos elementos formadores das palavras, como os mais acertados para delimitar unidades do léxico. Por eles, podemos entender como palavras tanto formas simples (“mesa”) quanto formas mais complexas (“máquina de costura”, “crime do colarinho branco” etc). No presente estudo, portanto, seguiremos a mesma tendência e consideraremos “palavras” as formas linguísticas simples, compostas e complexas, desde que, semanticamente, constituam um todo de elementos fixos entre os quais não se pode inserir quaisquer outros elementos.

é fenômeno fonológico e, sincronicamente, uma palavra como *vinagre* não evoca qualquer ideia de composição lexical. Justamente por isso, considera o autor a prefixação como subtipo de composição, já que os prefixos são justapostos, identificáveis e destacáveis, além de atualizarem na língua semântica mais lexical que os sufixos, cuja função seria, basicamente, mudar a classe gramatical das palavras que se associam e não, necessariamente, agregar novos significados a ela tal como o fazem os prefixos. Estudos mais recentes, como o de Maroneze (2011), contudo, têm se voltado aos intrincados processos semânticos no subsistema sufixal do português, trazendo à discussão o *status* do sufixo como elemento puramente gramatical.

Posteriormente, a chamada Morfologia Lexical (ARONOFF, 1976), cujo maior expoente brasileiro é Margarida Basilio (1987), de orientação gerativista, contradisse Câmara Jr. ao retirar a prefixação do âmbito das composições, entendendo-a como um subtipo da derivação.

Argumenta Basilio (1987) que, na derivação,

Os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação, correspondentes aos vários sufixos. Assim, a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua. (BASILIO, 1987, p. 28)

Ensina ainda ela que, ao contrário da derivação, o processo da composição “envolve a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos, não há funções predeterminadas no nível dos elementos” (p. 29). Nesse sentido, para a autora, a composição tem carácter eminentemente fortuito, pois não se pode prever quais elementos entrarão na constituição da forma composta.

É justamente essa ausência de fixidade de elementos na composição que faz com que a linguista entenda a prefixação como um tipo de derivação e não mais como composição. Em artigo sobre a problemática específica da prefixação, Basilio conclui que

Em suma, na prefixação acrescenta-se a uma base um elemento fixo, com função pré-determinada; na composição, a partir de uma estrutura fixa, com função semântica pré-determinada, combina-se a semântica de dois itens lexicais quaisquer. Dentro desse quadro, desaparece a controvérsia de se a prefixação deveria ser ou não considerada como composição, na medida em que não se entra em cogitação a questão de se uma forma é livre ou presa, e sim se esta forma corresponde a um elemento fixo de uma lista para formação ou não. (BASILIO, 1989, p. 10-11)

Além de Basilio, Sandmann (1992, p. 32-44), outro importante morfólogo gerativista brasileiro, contribuiu para uma compreensão mais acurada das composições

lexicais, discriminando seus principais tipos e subtipos e estabelecendo critérios de delimitação e diferenciação entre os processos composicional e derivacional.

De modo geral, define Sandmann, seguindo Basilio, derivação como associação entre um afixo e uma base lexical e composição como associação entre duas bases lexicais (p. 34-35). Basicamente, de acordo com ele, a diferença entre afixos e bases não residiria na mobilidade do elemento, mas na frequência e na semântica. Os afixos seriam de significado mais “geral” e as bases, mais específico, o que restringiria sua frequência de uso em formas compostas. Desse modo, os afixos seriam muito mais empregados que as bases para a formação em série de palavras. Com isso, Sandmann reforça o caráter fortuito da composição, cujos elementos não são, a rigor, previstos.

Segundo o autor (1989, p. 117-141; 1992, p. 40-44), as composições podem ser de tipo coordenativo, no qual não se verifica relação de dependência entre os elementos, ou subordinativo, no qual um dos elementos é determinante do outro. Do primeiro tipo, as bases são, necessariamente, de mesma classe gramatical e pode-se colocar, entre elas, a conjunção coordenativa aditiva *e*: *rádio-relógio* < *rádio e relógio*. Do segundo tipo, as bases podem ser de mesma classe gramatical ou de classes gramaticais diferentes e a ordem dos elementos pode ser determinando + determinante (*testemunha-chave*) ou determinante + determinado (*videoaula*), ainda que, destaca Sandmann, no português, predomine o primeiro tipo, visto ser a nossa uma língua que normalmente pospõe adjetivos a substantivos e não o inverso, como se verifica no inglês.

Paralelamente ao “boom” da Morfologia Lexical, desenvolveu-se na França, desde os anos 60 e ganhando força a partir dos anos 70, um campo de estudos em Lexicologia que se tem dedicado a estudar a criatividade lexical, também chamada neologia. Um dos maiores expoentes da área foi o lexicólogo Louis Guilbert (1972; 1975) e, no Brasil, a linguista Ieda Maria Alves.

Há mais de 30 anos, Alves tem se dedicado ao estudo sistematizado da neologia no português brasileiro, o que lhe rendeu importantes trabalhos. A respeito da composição, uma das contribuições mais importantes de Alves, em nosso entender, foi a verificação de padrões composicionais com elementos fixos no português do Brasil. Em *Neologismo: criação lexical*, de 1990, diz Alves (p. 48) que

O processo da composição subordinativa entre substantivos, a que já nos referimos, tem mostrado que um tipo de composição vem ocorrendo com bastante produtividade na imprensa contemporânea: um elemento substantivo, em função determinante, repete-se com tanta frequência nessa segunda posição que seu emprego não mais é

sentido como eventual, chegando a perder parte do seu significado e a adquirir valor sufixal. (ALVES, 1990, p. 48)

A autora exemplifica com neologismos de padrão *X-chave* (*amigos-chave*, *testemunha-chave*) e *X-símbolo* (*cor-símbolo*, *personagem-símbolo*, *poeta-símbolo*). No primeiro caso, verifica Alves que o substantivo “chave” adquire conotação metafórica e passa a atualizar significados de superioridade e primazia, como “o mais importante”.

Em trabalho mais recente (ALVES, 2006, p. 137-138), a linguista traz outros exemplos de padrões composicionais com elementos fixos: *X-base* (*acampamento-base*, *alimento-base*, *cidade-base*, entre outros), *X-chefe* (*analista-chefe*, *cozinheiro-chefe*, *figurinista-chefe* etc.), *X-fantasma* (*candidato-fantasma*, *gol-fantasma*, *paciente-fantasma* etc.), *X-monstro* (*biblioteca-monstro*, *comício-monstro*, *congestionamento-monstro*, entre outros), *X-padrão* (*argumento-padrão*, *comportamento-padrão*, *procedimento-padrão*, entre outros) e *X-relâmpago* (*ataque-relâmpago*, *campanha-relâmpago*, *operação-relâmpago* etc.).

Obviamente, a frequência dos substantivos acima em posição fixa nas composições é menor que a frequência dos afixos em formações seriadas. Entretanto, a própria existência desses padrões composicionais basta para colocar em xeque o entendimento da composição como processo estritamente imprevisível.

Mais recentemente, Gonçalves (2016, p. 52-58), a partir de dados retirados da internet, tem confirmado a tendência apresentada por Alves e fornecido outros exemplos, como *bolsa-X* (*bolsa-família*, *bolsa-escola*, *bolsa-alimentação*, entre outros), *vale-X* (*vale-refeição*, *vale-transporte*, *vale-alimentação* etc.), *seguro-X* (*seguro-saúde*, *seguro-desemprego* etc.), *mulher-X* (*mulher-melão*, *mulher-pera*, *mulher-filé*, entre outros), *Maria-X* (*maria-chuteira*, *maria-divã*, *maria-tatame*, entre outros) e *X-bomba* (*homem-bomba*, *carta-bomba*, *avião-bomba* etc.).

2 Metodologia de identificação dos neologismos e *corpus* de análise

Neste trabalho, como já o dissemos, estudaremos os neologismos composicionais formados pelo padrão *X-relâmpago*. As unidades lexicais neológicas que trazemos a lume foram extraídas, de modo semiautomático, a princípio de textos publicados em 2014 em 89 blogues jornalísticos dos mais variados assuntos, ligados à *Folha de S. Paulo*, à revista *Veja* e ao portal *Universo Online* (Portal UOL), conforme lista a seguir:

(I) Do *Portal Universo Online*: Marcos Costa; Sua Pele; Búfalos TV; Infomoto; Luís Perez; Mundo em Movimento; UOL Carros; Organize; Física na veia; Scientific American Brasil; Ana Maria Bahiana; Chip Hazard; Ailton Amélio; Assim como você; Blogay; Carla Rodrigues; Eu Joyce; Marcelo Coelho; Regina Navarro; Vigilantes da Autoestima; Xico Sá; Maria Inês Dolci; Blog da Sophia; Todos a Bordo; Blog do Gustavo; Happy Hour; Cacilda; Mauricio Stycer; Pablo Miyazawa; Redação UOL; Blog do Katsuki; Nina Horta; Blog de Tec; UOL Tecnologia; Rodolfo Martino; InfoAmazônia; Mobilidade Sustentável; Heavy Nation; Radio UOL; Novo em Folha; Blog do Sakamoto; Um brasileiro no Irã; Xico Vargas; Coluna Esplanada; Blog do Alexandre Faisal; Blog do Pediatra; Blog do Yogue; Planeta Autismo; Fábio TV; Nilson Xavier; O buxixo; Outro Canal; Companhia de Viagem e UOL Viagem.

(II) Da revista *Veja*: Caio Blinder; Rodrigo Constantino; Lauro Jardim; Blog do Narloch; Reinaldo de Azevedo e Ricardo Setti.

(III) Do jornal *Folha de S. Paulo*: Abecedário; Blog da Seleção; Brasil 2014; China in Town; Darwin e Deus; Digo sim; Dinheiro público; Entretempos; Hashtag; Inácio Araujo; Leandro Colon; Maternar; Mauricio Tuffani; Mensageiro Sideral; Morte sem tabu; Mundialíssimo; O mundo é uma bola; Olímpicos; Orientalíssimo; Para entender Direito; Peça única Rodolfo Lucena; Seres Urbanos; Silvio Cioffi; Sylvia Colombo; Teoria de tudo; Thais Nicoleti; Blog de Veg e X de sexo.

Sentimos, contudo, a necessidade de ampliar os dados neológicos, a fim de garantir análise mais acertada do fenômeno composicional em questão, de modo a evidenciar que, de fato, *X-relâmpago* é um padrão de composição produtivo no português brasileiro e não apenas um *hápx*. Diante disso, achamos por bem acrescentar como *corpus* para o estudo presente também os blogues jornalísticos, estes ligados especificamente aos temas política e sociedade, veiculados nos anos de 2015, 2016 e 2017 pela revista *IstoÉ*: Blog do Boechat, Bolívar Lamounier, Brasil Confidencial, Leonardo Attuch, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Murillo de Aragão, Ricardo Amorim, Rodrigo Constantino e Sergio Pardellas.

Todos esses textos foram submetidos, para a detecção de unidades lexicais neológicas, ao software “Extrator de Neologismos”, desenvolvido em parceria entre o *Projeto TermNeo* (FFLCH-USP) e o *Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional* (NILC), da Universidade de São Paulo em São Carlos (SP).

Basicamente, o “Extrator” serve como primeiro *corpus* de exclusão por comparar, de modo automático, as unidades lexicais existentes nos *corpora* jornalísticos de análise com amplos e diferentes léxicos³, segmentando os possíveis neologismos inseridos em seus contextos de uso. Ao linguista cabe validar, em momento posterior, o caráter neológico das lexias sugeridas pelo programa computacional por intermédio de obras lexicográficas previamente definidas.

Como *corpus* de exclusão lexicográfico, que nos auxiliou no processo de conferência do caráter neológico às unidades lexicais compostas selecionadas pelo “Extrator”, utilizamos os dicionários:

(I) HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

(II) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

(III) WEISZFLOG, Walter. *MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Versão online disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> (Acesso em 19 fev. 2020).

3 Os neologismos compostos *X-relâmpago*: características lexicais e semânticas

No total, coletamos, dos *corpora* mencionados acima, 386 neologismos composicionais de padrão Substantivo + Substantivo. Desses, 104 (aproximadamente 27%) são compostos coordenativos e 282 (aproximadamente 73%) são compostos subordinativos. Na grande maioria dos neologismos composicionais extraídos, portanto, um dos elementos atribui características ao outro. Dessas 282 unidades lexicais neológicas composicionais de caráter subordinativo, em 144 (aproximadamente 51%) verificamos a recorrência de formantes em posição fixa, o que, por si só, atesta a importância dos elementos fixos para a formação de palavras compostas. O padrão *X-relâmpago* formou 11 neologismos em nosso *corpus*. Abaixo, seguem as unidades léxicas

³ Originalmente, para compor os *corpora* do “Extrator”, foram utilizados três léxicos em formato eletrônico: o léxico do *ReGra* (<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/projects/regra.htm>), o léxico do *Unitex-PB* (<http://www-igm.univ-mlv.fr/~unitex/>) e o léxico *REPENTINO* (site atualmente fora do ar).

neológicas, apresentadas em ordem alfabética, seguidas de seus contextos. No interior do contexto, os neologismos foram por nós destacados entre chaves.

Autópsia-relâmpago

Haverá <autópsias-relâmpago>, retrato falado digital, métodos avançados de papiloscopia (ciência que estuda as impressões digitais) e até um escâner ZF, que escaneia a cena do crime e, depois, recria todos os detalhes no computador, com precisão milimétrica. (Outro Canal, 18/09/2014)

Comitiva-relâmpago

À ocasião, numa operação-abafa, o comitê do PT articulou uma <comitiva-relâmpago> com dois senadores evangélicos e um ministro católico – Crivella (PRB-RJ), Magno Malta (PR-ES) e Gilberto Carvalho (Planalto). (Coluna Esplanada, 09/10/2014)

Concorrência-relâmpago

Motivo: os técnicos relutam em assinar o contrato, franqueado à prestadora de serviços Hope em uma <concorrência-relâmpago>. Da abertura ao final da disputa foram apenas dez dias. (Lauro Jardim, 11/05/2014)

Estreia-relâmpago

A <estreia-relâmpago> do drone da Marinha portuguesa, com tecnologia nacional, parece parceria com o governo do Brasil, que mandou um satélite para a água. (Coluna Esplanada, 29/04/2014)

(ex-)Governador-relâmpago

A propósito, o notório Paulo Octávio, <ex-governador-relâmpago> do Distrito Federal, preso pela Polícia Federal na primeira semana deste mês e solto quatro dias depois, marcou presença no evento. (Lauro Jardim, 25/06/2014)

Sabatina relâmpago

Lembram do ministro Fux, do STF, que encaixou a filha como desembargadora numa <sabatina relâmpago>? (Mentor Neto, 11/08/2017)

Sequestro-relâmpago

Tanto nos bairros mais chiques de Pequim como em lugares perdidos da capital, em becos, de noite ou de dia, em táxis, metrô, andando a pé ou de carro, nunca me senti insegura. E isso é uma grande liberdade se comparado ao medo que, muitas vezes, eu sentia em Brasília, cidade que tem seus picos de <sequestros-relâmpago>. (China in Town, 28/12/2014)

Paquera-relâmpago

<PAQUERA-RELÂMPAGO>

Um dos jeitos de medir isso, conta o psicólogo americano John Gabrieli em seu curso de introdução à psicologia do MIT (aliás, recomendadíssimo e disponível de graça no formato de vídeos aqui), é por meio de dados de sites de paquera e também pelo famigerado sistema de “speed dating”, ou <paquera-relâmpago>, muito comum nos EUA: homens e mulheres se sentam em mesas, conversam por alguns minutos com um potencial parceiro e depois trocam de cadeira. No fim das contas, preenchem cartões dizendo por quem se interessaram: se houver compatibilidade (o mesmo casal dizendo “sim, fiquei interessado nele/nela”), aí sim rola um encontro a sós, mais tradicional. (Darwin e Deus, 21/11/2014)

Passagem relâmpago

Gisele Bündchen, numa <passagem relâmpago>, também cruzou o Grand Palais sozinha num vestido de tricô. (Peça Única, 30/09/2014)

Promoção-relâmpago

A Emirates estava com uma <promoção-relâmpago>, com descontos de até 25%, para quem reservasse até 7 de setembro último. (Silvio Cioffi, 08/09/2014)

Votação relâmpago

Dilma decidiu entregar as agências reguladoras ao PMDB. Na tarde da quarta-feira 1, Renan Calheiros (AL) passou a presidência da sessão a Romero Jucá (PMDB-RR) que fez <votação relâmpago> da indicação de sete apadrinhados para a Anvisa, Ana e ANTT. (Brasil Confidencial, 03/07/2015)

No plano ortográfico, percebemos, de imediato, hesitação no emprego do hífen entre os elementos do composto. Em <votação relâmpago>, <passagem relâmpago> e <sabatina relâmpago>, os autores dos textos não sentiram necessidade de utilizar o recurso gráfico da hifenização para a criação dos neologismos compostos. Alves (1990, p. 51) afirma que as unidades léxicas compostas, normalmente, são grafadas com hífen, que, de certo modo, ratifica o sentimento de lexicalização. Contudo, vale lembrar que a hifenização é, sobretudo, uma convenção ortográfica regida pelo *Acordo Ortográfico* de 1990, atualmente em vigor no Brasil. As regras para o emprego do hífen, no Acordo, não seguem critérios muito claros, ora apelando para razões fônicas, ora para a tradição de uso do hífen em palavras específicas. Sendo assim, consideramos que a hifenização é apenas um dos critérios possíveis de identificação de compostos neológicos, já que vários deles aparecem grafados com hífen, mas não o mais significativo.

Seguindo Biderman (1978), julgamos que a coesão interna da palavra e a unidade semântica são critérios mais acertados de identificação da palavra composta, e mesmo do sintagma lexicalizado, que a sua representação gráfica. Desse modo, apesar de não haver hífen nos neologismos acima referidos, percebe-se forte coesão entre os dois formantes

lexicais pela impossibilidade de inserção de elementos entre eles, formando, no conjunto, uma unidade de significado.

Os substantivos aos quais a base lexical <relâmpago> associou-se são, predominantemente, comuns e abstratos, designando, basicamente, ações/eventos/situações (votação, paquera, sequestro, sabatina, autópsia, estreia, promoção, passagem, concorrência). As exceções ficam por conta de governador (cargo executivo) e comitiva (grupo de trabalho).

A amostragem trazida por nosso *corpus* leva a considerar que o padrão de composição *X-relâmpago* tem sido bastante empregado para a criação lexical, majoritariamente, no domínio da POLÍTICA (<votação relâmpago>, <governador-relâmpago>, <comitiva-relâmpago>, <sabatina relâmpago>). Outras criações revelam novidades nos comportamentos sociais (<paquera-relâmpago>), em procedimentos científicos (<autópsia-relâmpago>), nos mercados de compra e venda (<concorrência-relâmpago>, <promoção-relâmpago>) e até nas modalidades de crime (<sequestro-relâmpago>).

Semanticamente, percebemos que os elementos em primeira posição são definidos em termos do segundo elemento, <relâmpago>, que se projeta sobre o primeiro, fornecendo-lhe nova característica de significado. O produto composto resultante designa uma ação, um evento, um estado, enfim, uma situação que, de certo modo, corre muitíssimo mais rapidamente do que se espera. Nesse sentido, um produto *X-relâmpago* não é exatamente um subtipo de X, mas um elemento que destoa, por ser mais rápido que o normal, do que se espera no âmbito dos eventos evocado por X. Esse estranhamento é materializado linguisticamente em alguns contextos, que inserem explicações sobre o significado do neologismo, como o de <concorrência-relâmpago> (do processo de abertura ao final transcorreram **dez dias**, tempo inferior ao normal para esse tipo de situação, diz-nos o autor do texto) e o de <paquera-relâmpago> (os indivíduos permanecem conversando com um potencial parceiro por **alguns minutos**, novamente tempo muito inferior ao esperado para designar uma situação a que chamamos, em nossa cultura, “paquera”, informa-nos o autor).

Ao projetar-se sobre o primeiro elemento, o substantivo <relâmpago> metonimiza-se, pois um de seus atributos – rapidez extrema – passa a representar o todo, ocultando outras características semânticas do relâmpago, como “barulho”, “iluminação”,

“eletricidade” etc. Isso permite que a palavra seja empregada, como um todo, metaforicamente e <relâmpago> passe a significar não o fenômeno natural, mas o atributo “muitíssimo rápido”.

A reanálise do substantivo <relâmpago> como elemento de função adjetival atributiva é fenômeno de natureza tanto semântica, como explicamos acima, quanto sintática, uma vez que a estrutura sintática do sintagma nominal do português (núcleo substantival + determinante) é, de certa forma, projetada mentalmente sobre a estrutura sintática dessa classe de compostos substantivo + substantivo, levando o falante a interpretar o segundo substantivo, no caso <relâmpago>, como um atributo e a escolher, do fenômeno natural, a característica que mais se adequa a determinar os substantivos em primeira posição: rapidez extrema.

Finalmente, importa considerar que o padrão composicional *X-relâmpago* já é parte do sistema linguístico do português brasileiro. Prova disso encontramos no contexto de <paquera-relâmpago> em que o sintagma composto inglês “speed dating” (paquera rápida, literalmente) é “traduzido” para o português, pelo autor do texto, em termos do padrão *X-relâmpago* (<paquera-relâmpago>), evidenciando que o falante já detinha, em seu arcabouço mental, a “fôrma” composicional em que o segundo elemento, <relâmpago>, significava “rapidez extrema”, e dele fez uso quando necessitou adaptar um conceito de outra língua à nossa.

Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, analisar, dos pontos de vista lexical e semântico, alguns neologismos formados pelo padrão *X-relâmpago* no português brasileiro. Todas as unidades lexicais neológicas foram recolhidas de *corpora* online, formados por blogues jornalísticos da internet, disponíveis para ampla consulta por todos os que se interessarem. A identificação dos neologismos seguiu a conhecida metodologia dos *corpora* de exclusão (BOULANGER, 1979) lexicográficos, comumente empregada nos trabalhos mais significativos sobre Neologia.

Basicamente, metade das unidades lexicais neológicas de padrão substantivo + substantivo coletadas contam com elementos lexicais fixos em mesma posição, o que ajuda a descaracterizar a composição como processo de natureza estritamente *ad hoc*,

levando, portanto, o linguista a buscar novas ferramentas para entender os limites (se é que existem) entre derivação e composição.

Quanto aos neologismos compostos *X-relâmpago*, verificamos que o substantivo <relâmpago> é empregado com função adjetival atributiva, passando a significar “muitíssimo rápido”. Uma série de fatores sintáticos e semânticos, levantados na análise, ajudam a explicar essa mudança de significado de <relâmpago>.

Creditamos à primazia da rapidez e da praticidade, marcas de nosso tempo histórico atual, o emprego do padrão *X-relâmpago* em neologismos que perpassam diversas camadas de eventos sociais e políticos de nossa sociedade. O que antes tinha um tempo determinado para ocorrer, hoje, acelerou-se e o “muito rápido” passa a ter que ser “relâmpago”. O desejo de rapidez ocorre tanto na economia dos recursos linguísticos – um sintagma como “votação que ocorreu muito rapidamente” reduz-se a “votação-relâmpago” – quanto na significação – “muito rápido” é ainda mais acelerado e passa a ser entendido em termos de um “relâmpago”.

Mais uma vez, a língua mostra sua face plástica, moldando-se ao desejo do falante, buscando, criando e recriando recursos de expressão de pensamentos, sentimentos, percepções e mudanças sociais e culturais. O que virá a seguir? Ninguém o sabe e o trabalho do linguista reside, justamente, em acompanhar as mudanças, tentar explicá-las e, sempre, deslumbrar-se com elas.

Referências

ALVES, I. M. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 50, n. 2., p. 131-144, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1415/1116>. Acesso em: 24 fev. 2020.

_____. *Neologismo.: criação lexical*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

ARONOFF, M. *Word formation in Generative Grammar*. Boston: The MIT Press, 1976.

BASILIO, M. Prefixos: a controvérsia derivação/composição. *Cadernos de Linguística e Língua Portuguesa*, v. 1, p. 3-13, 1989.

_____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: linguística quantitativa em computacional*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Londres: Allen and Unwin, 1935.
- BOULANGER, J. C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: ADDA, R. (et. al.). *Néologie et lexicologie. Hommage à Louis Guilbert*. Paris: Larousse Université, 1979.
- BRASIL. CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (2008). Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm. Acesso em: 24 fev. 2020.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.
- COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.
- GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- _____. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises*, n. 25, p. 9-29, 1972. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020. Acesso em: 19 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MARONEZE, B. O. *Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: 10.11606/T.8.2011.tde-28092011-102939. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28092011-102939/pt-br.php>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica*. 7ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

POLGUÈRE, A. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

POTTIER, B. *Grammaire de l'Espagnol*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Sciencia e Labor/Ícone, 1989.

WEISZFLOG, W. MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Versão online. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 19 fev. 2020.